

PROÉMIO METODOLÓGICO AO ESTUDO DAS PEQUENAS CIDADES PORTUGUESAS

Tanto por tendência do espírito como pela «evidência» de inúmeros exemplos que a natureza ministra, os modelos geométricos desempenham grande papel na interpretação dos factos da superfície terrestre. A própria complexidade do elemento humano não escapou a ela. *Nil novi sub sole*. Depois da atenção que alguns geógrafos prestaram à *teoria do estado isolado* de THÜNEN ⁽¹⁾ e aos anéis concêntricos de diferente utilização do solo, dispostos segundo a conservação, o peso e o valor dos produtos consumidos no grande mercado que constitui a capital desse estado, a recente aplicação da *teoria dos lugares centrais* às cidades do Sul da Alemanha, que segundo WALTER CHRISTALLER ⁽²⁾ se ordenam numa estrutura hexagonal por hierarquia de importância, não deixou de sedu-

⁽¹⁾ Pode ver-se uma excelente exposição do assunto em LEO WAIBEL, *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*, Rio de Janeiro, 1958, pp. 69-105; parece estranho que um geógrafo que tanto viajou e observou se deixasse seduzir por um esquema teórico e inconforme com a realidade — a começar pela noção de estado, com uma capital importante, «isolado» e vivendo em economia cerrada, incompatível com qualquer civilização superior, capaz de criar estados e cidades mas, necessariamente também, relações entre eles.

⁽²⁾ *Central Places in Southern Germany*, New Jersey, 1966 (tradução inglesa). A teoria foi pela primeira vez enunciada, em 1937, num trabalho do mesmo autor sobre os tipos de povoamento e a dimensão das povoações na Alemanha, os factores que os determinam e «o esquema ideal dos lugares de mercado», citado na bibliografia. De então para cá, CHRISTALLER vem desenvolvendo e aplicando as suas ideias, expostas nos manuais de forma esquemática e nem sempre de acordo com o pensamento do autor.

zir cultores da Geografia urbana e económica. Valeria a pena pôr à prova, com o exemplo do Alentejo, o que, no próprio pensamento do autor, parece antes um caso extremo, realizado apenas em áreas homogêneas, onde o sistema de relações tenderá a estabelecer-se segundo figuras de simetria. O que a realidade urbana mais comum nos mostra são, pelo contrário, as assimetrias de posição dos grandes e dos pequenos centros. Há muito que se notou a existência de um rosário de cidades ao longo de um rio navegável, na passagem da montanha pastoril para a planura agrária, nos recessos dos litorais caprichosamente recortados, na periferia dos desertos, em lugares onde economias diferentes, ajustadas a contrastes naturais confinantes, entram em contacto, animando os mercados (e não há cidade sem eles) com a variedade e a complementação dos seus produtos.

A Geografia, física ou humana, concedeu sempre especial importância à interpretação de dissimetrias, descontinuidades ou discordâncias, reveladoras de combinações mal ajustadas de estruturas diferentes, de funções orientadas em sentidos diversos, donde resultam formas complexas que nem sempre se deixam ordenar segundo modelos teóricos. Em todo o caso, em Geografia humana, o caminho da interpretação tem sido oposto ao de que se socorrem alguns economistas, construindo esses modelos e confrontando com eles uma realidade observada às vezes apenas por uma das suas faces: a expressão quantitativa. O ponto de partida do geógrafo é sempre a *observação*, e a *descrição* deve preceder as aproximações complexas e a subtil ponderação de relações que poderão abrir o caminho à *interpretação*. O estudo geográfico das cidades tem de fazer-se dentro dos princípios de toda a Geografia. Uma cidade é uma *forma*, acessível portanto ao exame directo e inscrita simplificada na planta ou na fotografia aérea, como qualquer rugosidade ou vestimenta da superfície terrestre; essa forma dispõe-se segundo uma *estrutura* mais ou menos simples e clara, que resulta sempre de vicissitudes da sua evolução (e portanto em larga parte se explica por ela); as *funções* modelaram, no tempo e no espaço, a variedade de fisionomia, que é um dos traços de toda a expressão urbana, imprimindo aos arruamentos e aos largos uma aparência original que, saltando aos olhos do

observador mais desprevenido, constitui o ponto de partida para a divisão da cidade em bairros e subúrbios, segundo o carácter dominante de cada um ⁽³⁾.

Uma cidade é sempre uma *criação*, um elemento fundamental da organização do espaço, um nó na malha de relações estabelecidas voluntária ou espontâneamente entre os habitantes: uma obra humana inscrita num pedaço de solo, um facto de superfície de dimensões reduzidas mas da maior significação pelas conexões que estabelece. Tentar explicar uma aglomeração urbana é, antes de mais nada, inseri-la neste contexto complexo: *posição* no espaço, *lugar* que ocupa entre as suas congéneres, *sítio* onde se implantou; mas é também, partindo da observação do actual, rastrear no tempo as condições da sua génese e as vicissitudes do seu destino, mostrar o que é antigo e persistente na sua figura, tanto como as transformações que, sob a acção de novos processos de construir e maneiras de circular e de outras necessidades ou desejos dos homens (em cuja escolha a *moda* tem o mais largo papel), deram, a tantas cidades velhas, uma expressão moderna e diferente.

Se acima de certa dimensão a cidade contrasta com outras formas de povoamento, importa estabelecer os critérios que, nas aglomerações mais pequenas, lhes conferem carácter urbano. O número de habitantes é, de todos, o mais convencional e insuficiente. Certos enormes *pueblos* dos planaltos cerealíferos do interior da Espanha, por exemplo, que alcançam ou ultrapassam uma dezena de milhares, são enormes e cerradas aglomerações rurais no meio do campo, em que a grande maioria da população se ocupa com a cultura do trigo e a criação de ovelhas, os animais e os aprestos da lavoura se guardam nos pátios interiores das casas, por onde se entra pelo mesmo corredor para que dão as divisões habitadas;

⁽³⁾ Emprega-se correntemente o termo *zonagem* (*zoning*) para designar esta diferenciação do espaço urbano; um geógrafo tem de rejeitá-lo, pois as únicas *zonas* que existem são as faixas demarcadas à superfície do globo pela diferente incidência dos raios solares sobre elas. O termo *bairro*, ao mesmo tempo corrente e claro, serve perfeitamente para o fim de dividir as cidades segundo a sua função preponderante: residência (pobre, remediada ou rica), comércio (popular, corrente ou de luxo), indústria, dormitórios, etc.

no tempo da debulha, as palhas derramam-se pelas ruas; ao entardecer, uma correnteza de carroças e *caballerias* anuncia, de longe, a aproximação destas aldeias, que repetem o mesmo tipo, com o casario baixo e apinhado, dominado pela silhueta de uma igreja de dimensões imponentes. Além-Guadiana, esta forma de povoamento penetra em Portugal: Amareleja (4500 habitantes), Pias e Aldeia Nova de S. Bento (ambas com 4700) são as maiores aglomerações rurais portuguesas, acima de muitas vilas e das mais pequenas cidades — Pinhel, 2000 habitantes, Silves, 3500, Penafiel, 4400, Miranda do Douro, 5200 ⁽⁴⁾.

É evidente que, onde a malha do povoamento for constituída por grandes concentrações distantes, a massa e o isolamento da população podem, acima de certo limiar crítico, gerar necessidades, que são o fermento da vida urbana: artífices especializados e não simples curiosos, mercados de abastecimento e de distribuição, serviços vários que se tornam necessariamente diferenciados quando têm muita gente a atender, organismos e entidades da administração. Um povoamento disseminado mas denso, como o de Entre-Douro-e-Minho, cria, pelas mesmas razões, pontos de condensação na nebulosa humana dos seus campos. Entre nós são as vilas sedes de concelho que desempenham estas funções. É a este nível que importa procurar critérios que permitam separar os simples centros rurais, que elas são na maior parte, das cidades do escalão menos elevado.

O mesmo se poderá notar, *mutatis mutandis*, doutras formas de actividade. Há aldeias quase exclusivamente piscatórias ⁽⁵⁾, como há vilas onde as fainas do mar sobrelevam e recobrem outros modos de vida: Sesimbra ⁽⁶⁾, Peniche, Sines, por exemplo. Em torno da Serra da Estrela, a indústria de lanifícios, herdeira do artesanato tradicional, dá o tom

⁽⁴⁾ Dados do recenseamento de 1960; antes das obras das barragens do Douro, Miranda era uma cidade minúscula e imobilizada (600 habitantes em 1911, 740 em 1940), com descampados e culturas dentro das muralhas.

⁽⁵⁾ RAQUEL SOEIRO DE BRITO, *Palheiros de Mira. Formação e Declínio de um Aglomerado de Pescadores*, Lisboa, 1960 (col. *Chorographia*).

⁽⁶⁾ MARIA ALFREDA CRUZ, *Pesca e Pescadores em Sesimbra*, Lisboa, 1966 (col. *Chorographia*).

a algumas vilas (Gouveia é talvez a mais característica) e a inúmeras aldeias ⁽⁷⁾ e a sua localização está tão dependente de condições do ambiente como pode estar a cultura do milho, por exemplo: energia das ribeiras que descem da serra e moveram rodas de tear como hoje accionam turbinas, água límpida requerida pela lavagem e a tinturaria, lã das ovelhas serranas e transumantes, sucessivamente substituída, com o alargamento e as exigências do mercado, pelas lãs merinas do Alentejo ou da Austrália e por fibras sintéticas; a formação de uma mão-de-obra especializada, o afluxo de capitais, a rede de aquisição da matéria-prima e a organização do mercado consumidor vieram, por acréscimo, inserir-se num artesanato «ecológico» dos mais típicos ⁽⁸⁾. Outro exemplo paralelo: no meio do campo saloio, entre Sintra e Mafra, a indústria de mármore e cantarias, a partir do grande surto que recebeu com a construção da mole do mosteiro de Mafra, nos começos do século XVIII, abriu à gente rural um importante horizonte de trabalho: originada por um fenómeno natural — o metamorfismo dos calcários secundários pelas intrusões eruptivas do fim dessa idade —, é também uma indústria «ecológica» e uma compensação ao impossível ou desvantajoso aproveitamento agrícola das terras sáfaras e tosadas pelo gado, que correspondem aos afloramentos daquela rocha. Noutros casos, e cada vez mais nos nossos dias, a indústria pouco tem a ver com o ambiente geográfico. Diferentes factores de localização, mais difíceis de sistematizar, escapam em grande parte à geografia nas origens, mas importam a ela por criarem concentrações de gente e de trabalho e, portanto, novas formas visíveis da paisagem. Um traço muito actual, insistentemente repetido, na paisagem rural portuguesa, são os grandes edifícios fabris que se levantam no meio de culturas ou bosques, muitos deles pertencentes a empresas com iniciativas e capitais estrangeiros, atraídos principalmente pela mão-de-obra barata e pelo traçado ocasional de um caminho de ferro ou de uma estrada. Só

⁽⁷⁾ CARMINDA CAVACO e ISABEL MARQUES, «Os Vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela. Estudo de Geografia Humana», in *Finisterra*, vol. I, pp. 188-239.

⁽⁸⁾ Sobre o sentido desta expressão, v. O. RIBEIRO, *Atitude e Explicação em Geografia Humana*, Porto, 1960.

acima de certa dimensão e concentração, pela mão-de-obra que emprega, pela energia de que necessita, pelo volume do produto que lança em mercados distantes, a indústria toma uma feição urbana: na cintura de povoações manufactureiras de lanifícios da Serra da Estrela, apenas a Covilhã é uma cidade média (23 000 habitantes) e a segunda aglomeração do interior (depois de Évora); homóloga na posição e nas funções, Gouveia parece a única que se aproxima do limiar urbano (3900 habitantes). Grandes centros de pesca, onde esta função apenas seja dominante, poucos se podem considerar, entre nós, em posição superior à de vilas: Matosinhos é um subúrbio do Porto, como Buarcos o é da Figueira; Olhão é, ao mesmo tempo, uma sorte de arrabalde marítimo de Faro, e o centro da mais bela horta algarvia, que a separa da cidade próxima; a pesca marca fortemente a fisionomia dos bairros da gente do mar na Póvoa de Varzim ou em Setúbal, que, por isso, se diferenciam na área urbana, ou insere-se num conjunto doutras actividades, umas ligadas ao mar, outras à função de pequenos centros regionais, como Viana do Castelo, Aveiro e Portimão; Peniche é talvez a única vila urbana onde a pesca constitui a actividade dominante.

Em Portugal, o título de cidade corresponde a uma herança do passado ⁽⁹⁾, ainda que a povoação assim instituída nunca se tivesse desenvolvido (Miranda do Douro) ou declinasse (Pinhel, Silves), ficando com a dimensão duma vila modesta; a uma função de centro administrativo (todas as capitais de distrito); ao reconhecimento da importância económica e do seu aparente progresso (todas as vilas elevadas a cidade durante o Liberalismo e a República, a maioria das quais sem aquela função). Mas outras vilas são, na verdade, cidades pequenas, distinguindo-se dos modestos centros rurais, industriais ou marítimos, de importância local, mas sem irradiação regional. Bastará notar que entre as 34 aglomerações de mais de 10 000 habitantes (sem contar Lisboa e o Porto) ⁽¹⁰⁾,

⁽⁹⁾ Procurei dar uma visão de conjunto da evolução urbana entre nós no *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por JOEL SERRÃO (em publicação), s. v. «Cidade».

⁽¹⁰⁾ Números do último recenseamento (1960), que apenas indicam uma ordem de grandeza, dadas as rápidas transformações da paisagem urbana e a plasticidade demográfica de certas aglomerações.

apenas metade tem categoria de cidade; que Vila Nova de Gaia, com 46 000 habitantes, iguala Coimbra e excede um pouco Setúbal, que Matosinhos (38 000) e a Amadora (36 000) se situam logo a seguir àquelas cidades de terceira ordem, que em torno de Lisboa e do Porto se encontram, respectivamente, 10 e 8 aglomerações com mais de 10 000 habitantes — umas verdadeiros subúrbios, embora individualizados, outras porém com formas de vida própria e característica, conexas mas não inteiramente subordinadas às grandes aglomerações em torno das quais gravitam. Coimbra, Setúbal, Braga não têm dimensão urbana para haverem suscitado a formação ou o desenvolvimento de subúrbios ou satélites comparáveis. Mas o carácter urbano de muitas vilas está patente na importância da população (por isso se pode aceitar como limite inferior 10 000 habitantes), nas funções regionais, na diferenciação e arranjo do espaço construído. Quanto menor for a aglomeração, como é óbvio, mais delicada tem de ser a análise dos elementos que permitam incluí-la entre as cidades pequenas.

Sem pretender enumerá-los todos (o que só poderá fazer-se depois de uma pesquisa sistemática e de um ensaio de aplicação ao país inteiro), indicam-se alguns critérios mais aparentes do que poderão chamar-se *vilas urbanas*:

1) Predominância da função comercial e industrial variada (às vezes ainda artesanal) sobre a rural, embora se sinta a presença ou a proximidade do campo. A indústria pode tomar uma dimensão urbana, tanto pela concentração de manufacturas diversas (Guimarães, com curtumes e cutelarias tradicionais e, modernamente, fiação e tecelagem de algodão) como pela produção elevada num único ramo (lanifícios, na Covilhã). As aldeias ou vilas industriais são muitas vezes caracterizadas por uma indústria única e que se repete em várias delas (exemplos já aludidos: dos lanifícios na Serra da Estrela e dos mármore e cantarias próximo de Sintra), tornando-se um traço de uniformidade que, embora não seja de origem rural, não deixa por isso de opor-se à variedade urbana em que se insistirá adiante.

2) Existência de feira ou mercado de produtos diversos (há simples aldeias com importantes feiras de gado, de queijo,

de cestaria, etc.) e de uma «praça» (no sentido de mercado permanente) para o abastecimento quotidiano.

3) Existência de lojas de comércio especializado ou de artigos de qualidade ou de uso menos corrente, tais como camisarias, roupas de senhora, lojas de modas, relojarias, oculistas, artigos eléctricos, livrarias, que não existem na vila rural ou estão associados a produtos de maior consumo. Este tipo de comércio dá, ao mesmo tempo, uma ideia da dimensão económica da cidade, pelo consumo local, e da irradiação dela na sua área, como centro permanente de abastecimento.

4) Capacidade de atracção e de irradiação, materializada na convergência das linhas de trânsito e no número e frequência de serviços de transportes em comum aí centralizados (principalmente carreiras de camionetas, muito mais plásticas do que o caminho de ferro, cuja estrutura há mais de meio século está, entre nós, praticamente imobilizada).

5) Número de pessoas que todos os dias vêm à povoação e outras formas menos aparentes de «centralidade» (afluxo de alunos às escolas, de doentes aos hospitais ou consultórios, chamadas telefónicas, depósitos bancários, etc.: dados numéricos que terão de ser criteriosamente recolhidos, seleccionados e interpretados e que as estatísticas disponíveis estão longe de ministrar).

6) Prevalência do sector terciário na população activa, expressão da importância dos «serviços»; como exemplo de precaução no manejo de estatísticas, basta lembrar que, entre nós, este sector, considerado geralmente um índice do *standing* elevado de um país, está largamente exagerado, pela inclusão nele dos «serviços domésticos», afinal com significação oposta!

7) Aparência e individualidade das construções, que se diferenciam segundo áreas e funções e dão às ruas e largos uma tonalidade fácil de aperceber (oposta à uniformidade das grandes aldeias e vilas rurais); por aqui começa naturalmente toda a *observação* — e o deambular atento é a melhor forma de captar a fisionomia e, através dela, as funções de uma cidade e o arranjo do espaço urbano.

8) Marca do passado, não apenas nas construções monumentais, mas nas ruas e nas casas, onde se lêem as fases ou surtos de desenvolvimento da povoação. Várias freguesias do Minho possuem igrejinhas românicas, de uma singeleza

um tanto fruste; algumas povoações são dominadas pela imponência de edifícios conventuais (Alcobaça, Batalha, Mafra, Arouca), que esmagam o casario modesto das respectivas vilas; a Rua da Costanilha, em Miranda do Douro, por exemplo, que vai da Praça a uma das portas da minúscula cidade, é quase inteiramente formada por habitações quinhentistas; Castelo de Vide conserva um bairro gótico no interior do seu perímetro de muralhas medievais. Só uma época de florescimento pode explicar a construção de um conjunto de habitações perduráveis.

9) Existência e dimensão de locais de reunião e de diversão (jardins ou parques, cafés, clubes, cinemas e teatros, campos de jogos, piscinas) e de locais dedicados especialmente a certo sector da população ou da sociedade, por exemplo, jardins infantis, casas de chá ou pastelarias, que as senhoras possam frequentar (não é usual irem ao café); mas na sociedade muito cerrada do Alentejo não se vêem em nenhum lugar público (mesmo nas maiores cidades) e, por isso, tais estabelecimentos não existem: exemplo de critério que não pode ser uniformemente aplicado ⁽¹¹⁾.

10) Importância de estabelecimentos de ensino secundário, oficial e particular, avaliada pela frequência e duração dos estudos.

11) Entre os aspectos históricos, o mais relevante foi, sem dúvida, a erecção de um bispado e da respectiva sé: as mais pequenas cidades portuguesas (Pinhel, Silves e Miranda do Douro) devem a esse facto a sua aparência urbana, embora, quanto à população, estejam abaixo de algumas aldeias próximas e, quanto às funções, de várias vilas das respectivas regiões. Transferida ou extinta a diocese, ficam a catedral, o paço do bispo e o arranjo urbano que suscitaram.

A derradeira anotação em que parece importante insistir é no carácter *individual* das cidades. Cada uma tem a sua biografia e, correlativamente, uma *personalidade* inconfundível. Por um lado, as aglomerações urbanas constituem os nós de uma malha de organização do espaço em função das

(11) Observação de JORGE GASPAR relativamente a Évora, que está estudando.

relações humanas, que é costume designar por uma imagem justa e precisa: *rede urbana*. Os elementos que a constituem, coesos entre si pelos modos de circulação (no sentido mais lato do termo, que abrange formas imateriais mas mensuráveis, como os capitais, e os usos e ideias, impossíveis de exprimir numéricamente), podem, no entanto, mostrar fisionomia diferente. Esta, pelo contrário, pode aproximar cidades, às vezes distantes e sem nenhuma *relação* aparente: certo «ar de família» imponderável, tão fácil de captar como difícil de exprimir, no traçado de conjunto, no aspecto das ruas e das praças, no comportamento aparente dos habitantes. É neste sentido que poderá falar-se de cidades do Noroeste ou do Alentejo, da influência do estilo urbano do Porto, da herança muçulmana ou da planta regular das fundações intencionais. É neste sentido que, depois do trabalho de base de umas quantas monografias (ou biografias) urbanas, é mais significativo e mais geográfico o estudo de redes ou de famílias de cidades. É neste sentido ainda que, num plano mais elevado, se pode considerar a cidade como a expressão mais evidente de certas civilizações que, ao expandirem-se, levaram consigo este incomparável instrumento de domínio e, em ambientes diversos, implantaram aglomerações que exprimem os respectivos ideais urbanos. A cidade muçulmana que, na África do Norte, se sobrepôs inteiramente à cidade romana é, em muitos aspectos, como que o seu reverso; exemplo que mostra bem como a cidade é muito mais uma forma de civilização do que um produto de ajustamentos ao ambiente. A colonização espanhola multiplicou na América a cidade regularmente quadriculada em torno da Plaza Mayor, prestigiosa pelos monumentos e funções, como a colonização portuguesa criou no Brasil cidades de praças múltiplas e de contornos diluídos, atravessadas por uma Rua Direita, que é o seu principal eixo de circulação e de comércio. Cidades do mesmo *tipo*, da mesma *família*, revelam certa semelhança, que, na hereditariedade, se imputa à carga genética. O que nelas há de pessoal resulta da combinação de circunstâncias do *ambiente* local, das vantagens e constricções do sítio, das relações de posição e de lugar com outros nós da rede urbana e da forma como cada uma reagiu a estímulos e restrições no decurso do tempo.

A cidade — e isto é um critério a considerar na determinação do *limiar urbano* — é sempre, a despeito de analogias ou semelhanças mais ou menos fortes, uma *entidade única*. Ora a Geografia, como toda a Ciência, está sobretudo preparada para integrar o particular no geral, para, partindo de *casos*, os tomar como *exemplos* e, com eles, definir *tipos*, procurando a sua adequada explicação. Quer se trate de uma operação «natural» do espírito ou de uma das irremediáveis limitações do conhecimento, nela reside, penso eu, a maior dificuldade do tratamento científico de tudo o que é humano e, portanto, de uma das faces da Geografia. A cidade, como produto das civilizações superiores (ou como uma criação superior da civilização), ilustra particularmente esta dificuldade ⁽¹²⁾. Ao passo que no mundo rural o número de combinações é restrito e se deixa portanto abranger mais facilmente pela descrição e interpretação, estabelecendo-se tipos regionais e áreas de repartimento, a Geografia urbana depara sempre com muito maior variedade nos ingredientes que se combinam para dar às cidades, ao mesmo tempo, personalidade e ar de família. O tratamento deste material, rebelde à sistematização, exige rigor e subtileza («esprit de géométrie et esprit de finesse») que, correspondendo a tipos temperamentais diferentes, nem sempre o mesmo investigador consegue convenientemente dosear. Um esforço sério se está fazendo (basta citar como exemplo a «Escola de Lund») no sentido de cingir o complexo fenómeno urbano por uma metodologia rigorosa. Mais uma razão para não perder de vista o manejo hábil de cambiantes subtis, a que a Geografia *clássica* (e o mesmo é dizer — a Geografia) deve os seus êxitos fundamentais.

ORLANDO RIBEIRO

RÉSUMÉ

Introduction méthodologique à l'étude des petites villes portugaises. L'étude d'un réseau urbain doit comporter la définition d'un seuil séparant les petites agglomérations urbaines des grands centres ruraux. Le critère du chiffre est le plus conventionnel et le plus aléatoire (quelques villages dépassent 4000 habitants, deux villes n'atteignent pas ce chiffre).

⁽¹²⁾ Insisti nela a propósito de «Veneza» (*Finisterra*, vol. I, 1966, pp. 99-109).

Cependant, une grosse concentration de population crée par elle-même des services qui prennent facilement une allure urbaine. Les villages agricoles se caractérisent par une certaine uniformité d'aspect et de fonctions. Il peut en être de même de certaines agglomérations marquées par la pêche ou la petite industrie (industrie de la laine autour de la Serra da Estrela, industrie du marbre et de la pierre de taille au Nord de Sintra). La ville se caractérise à la fois par sa personnalité et par la différenciation de l'espace urbain. Toutes les villes portugaises proviennent du passé et portent la marque de l'Histoire, conservant une physionomie urbaine qui survit à leur stagnation (Miranda do Douro) ou à leur déclin (Silves, Pinhel). Les chefs-lieux des 18 districts ont tous rang de ville (*cidade*). Depuis un siècle et demi plusieurs bourgs (*vilas*) ont été promus au même rang en raison de leur importance (population, commerce, industrie). Quelques critères de la définition du seuil urbain: 1) prépondérance des fonctions commerciales et industrielles variées sur la fonction agraire, l'industrie pouvant prendre une dimension urbaine soit par la concentration de diverses activités (Guimarães: tannerie, coutellerie, cotonnades), soit par l'importance d'une production unique (industrie de la laine à Covilhã); 2) existence de foires de produits divers et d'un marché permanent; 3) existence de boutiques spécialisées comportant des articles de consommation non courante, ce type de commerce donnant une idée de la dimension économique de la ville et de son irradiation comme centre permanent de ravitaillement; 4) convergence de services de transport public (autobus); 5) nombre de personnes venant tous les jours à la ville et autres formes moins apparentes de «centralité»: élèves des écoles, malades, appels téléphoniques, dépôts bancaires, etc.; 6) prépondérance du secteur tertiaire; 7) aspect des bâtiments et division de l'espace urbain en quartiers individualisés; 8) marques du passé non seulement dans les constructions monumentales (quelques villages en possèdent), mais dans les rues et les maisons qui expriment les poussées successives de développement; 9) existence et dimension de lieux de vie sociale divers, dont les lieux de réunion destinés à des secteurs déterminés de la population: jardins réservés aux enfants: salons de thé, etc.; 10) importance des établissements d'enseignement secondaire; 11) parmi les aspects historiques, le plus important fut sans doute l'existence d'un évêché qui, même supprimé, assure encore l'allure urbaine d'agglomérations décadentes (Pinhel, Miranda do Douro, Silves). La ville, et c'est aussi un critère de seuil urbain, est toujours, malgré les analogies et les ressemblances, une entité unique. Elle peut appartenir à un type et présenter avec d'autres un air de famille, mais les conditions du site, les rapports de position et les relations avec d'autres éléments du réseau urbain ne se répètent jamais. Voilà pourquoi le souci d'appliquer à l'étude des villes des méthodes quantitatives, doit s'accompagner de la compréhension subtile de rapports complexes que les chiffres ne peuvent pas toujours exprimer.